



PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln Ferreira (Org.). *Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo, SP: Boitempo, 2014. 414p.

Pensadores necessários para compreender o Brasil

Leonardo Dias Nunes ¹

Organizado por Lincoln Secco e Luiz Bernardo Pericás, professores de História Contemporânea da Universidade de São Paulo (USP), a obra *Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados* chegou ao público em 2014. O livro é uma coletânea de artigos sobre a vida e a obra de intérpretes do Brasil que publicaram suas principais obras durante o século XX, período de transformações estruturais e tensões sociais devido ao intenso desenvolvimento capitalista no Brasil.

Os organizadores da obra explicam que após a década de 1920 surgiram inúmeros pensadores dedicados à compreensão e à transformação do país, notadamente esta mudança pode ser percebida em eventos como a Semana de Arte Moderna, os levantes tenentistas e a criação do Partido Comunista Brasileiro – fatos históricos propulsores da formação de um pensamento crítico no Brasil. Secco e Pericás também ressaltam que este processo de formação de pensamento estava, em parte, influenciado pelo marxismo que chagava ao Brasil e à América Latina.

O subtítulo da obra deixa claro como os intérpretes apresentados são entendidos e os organizadores didaticamente explicam que o uso dos adjetivos *clássicos*, *rebeldes* e *renegados* tem como referência o atual *establishment* acadêmico cujo poder dita quais autores devem ser lembrados pela história e aqueles que por ela devem ser esquecidos. Desta forma, existem intérpretes do Brasil que são entendidos como *clássicos* e

(1) Doutorando do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Econômico na área de História Econômica do Instituto de Economia da Unicamp. E-mail: leonardodiasnunes@hotmail.com.

por conta disso são estudados e discutidos nas universidades, como é o caso de Celso Furtado, Sergio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre. Existem também aqueles que são entendidos enquanto *rebeldes*, como Maurício Tragtenberg cujo pensamento estava orientado para a superação do capitalismo. E ainda há uma terceira categoria de intérpretes, os *renegados*, autores que contribuíram para a discussão da sociedade brasileira, mas que atualmente são esquecidos e isolados do debate sobre as interpretações do Brasil, dois representantes deste grupo são Octávio Brandão e Everardo Dias.

Intérpretes do Brasil é um livro de imensa amplitude, pois versa sobre vinte e cinco intérpretes do Brasil. Devido a este motivo, e também por ter sido escrito por diferentes autores, a obra possui heterogeneidade analítica. Nela podemos encontrar artigos de natureza acadêmica assim como relatos pessoais. Se por um lado há uma grande amplitude de autores tratados, por outro, a obra não aprofunda os temas desenvolvidos em cada artigo. Este ponto, todavia, deve ser entendido apenas como detalhe, visto que o leitor recebe uma boa introdução da vida e obra de todos os intérpretes apresentados.

A obra foi publicada em momento oportuno, cinquenta anos após o Golpe Militar de 1964. Durante o ano de 2014 muitos eventos buscaram refletir criticamente sobre o Golpe e nas páginas desta coletânea estão presentes as evidências de como este evento da história brasileira influenciou a vida pessoal, profissional, política e acadêmica de muitos dos autores apresentados. Assim, não devemos atentar apenas para os autores tomados individualmente, mas também relacioná-los ao contexto histórico que calou e exilou o pensamento crítico formulado à época.

Os autores apresentados na coletânea tiveram seu auge intelectual durante o século XX, momento em que buscavam entender os problemas da realidade brasileira e, de alguma forma, propor soluções. Entretanto, hoje, em meados da segunda década do século XXI, vivemos em uma nova conjuntura, em um *novo tempo do mundo* como afirma Paulo Arantes (2014). Esta nova conjuntura – marcada por expectativas decrescentes com relação ao futuro devido à perda de vigor da ideia de progresso – sugere a abertura de um diálogo criativo, mas não anacrônico, com os intérpretes do

Brasil, visto que ainda persistem os problemas da sociedade brasileira por eles diagnosticados, todavia, as formas de solucioná-los, caso existam, já não podem ser as mesmas. Além disso, a maneira como tais problemas são apreendidos pela sociedade também se transformou. Por conta destes fatores, nos parece que a compreensão do Brasil neste século XXI possui como condição necessária, mas não suficiente, o diálogo com os pensadores presentes na obra *Intérpretes do Brasil*. Assim sendo, percebemos que apresentar os pensadores brasileiros que estão excluídos do debate acadêmico sobre as interpretações do Brasil é uma contribuição à história do pensamento crítico nacional. Secco e Pericás não organizaram uma obra enciclopédica, mas sim um guia introdutório que pode e deve ser entendido como o passaporte para estudos mais profundos.

A coletânea está sendo bem avaliada, como é o caso da resenha realizada por Maíra Machado Bichir (2015) que, por um lado, criticou a ausência das mulheres na coletânea e, por outro, apreendeu que o livro apresenta uma renovação no campo da história do pensamento social brasileiro ao ampliar a noção de intérprete do Brasil. Ademais, no que se refere a este último ponto, a autora aponta com precisão que a categoria intérpretes do Brasil é muito ampla e que os organizadores da obra não mostram quais foram os critérios para a reunião dos autores nesta categoria.

As considerações críticas realizadas por Maíra Bichir abrem a possibilidade para a discussão sobre como classificar um autor como um intérprete do Brasil. Em nossa análise, esta categoria realmente é muito ampla e não poderia ser diferente disso. Sendo de extrema complexidade a busca pela compreensão da totalidade de uma determinada realidade social, os intérpretes do Brasil também tiveram que realizar delimitações (recortes) em suas análises e, por consequência, não analisaram todas as diferentes *esferas da existência* (econômica, social, política, cultural). Além disso, cada intérprete possuía uma *visão de mundo*, fato que também influencia a análise da sociedade. Tais fatores fazem com que muitos sejam os autores que possam ser entendidos como intérpretes do Brasil.

Pensando assim, além de existirem intérpretes clássicos, rebeldes e renegados como foi apontado por Pericás e Secco, não devem ser

esquecidos os intérpretes do Brasil pertencentes ao *status quo*, pensadores que estavam e estão alinhados com o projeto de manutenção das imensas desigualdades existentes na sociedade brasileira. Estes pensadores, de acordo com Darcy Ribeiro (1979), corroboram com o projeto da elite brasileira cujo principal objetivo era e continua sendo a manutenção da população em permanente estado de ignorância.

Ao analisar o problema das interpretações do Brasil desta forma, devem-se reconhecer os intérpretes clássicos, rebeldes, renegados e, além disso, saber diferenciá-los dos intérpretes do *status quo*. Para esse primeiro passo, a obra *Intérpretes do Brasil* é de extrema relevância e cumpre o papel de dar fôlego e preservar a memória do pensamento crítico brasileiro.

Referências bibliográficas

ARANTES, Paulo. *O novo tempo do mundo: e outros ensaios sobre a era da emergência*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

BICHIR, Maíra Machado. Resenha: Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados. *Crítica Marxista*, São Paulo, v. 41, p. 191-193, 2015.

RIBEIRO, Darcy. Sobre o óbvio. In: ENSAIOS insólitos. Porto Alegre, RS: L&PM Editores, 1979, p. 11-23.

SILVA, Rogerio Forastieri da; NOVAIS, Fernando Antonio. Introdução: para a historiografia da nova história. In: SILVA, Rogerio Forastieri da; NOVAIS, Fernando Antonio (Org.). *Nova história em perspectiva*. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2011, p. 6-70.